

A COMUNICAÇÃO COMO JOGO

Ensaio sobre o filme *Quem quer ser um milionário?*

BRUNO SÉRGIO F.F. GOMES¹⁴⁷

Quem quer ser um milionário? ou *Slumdog Millionaire*, como é conhecido no dialeto indiano, é uma produção americana em parceria com o Reino Unido. O longa-metragem lançado em 2008 foi dirigido pelo Cineasta Inglês Danny Boyle, escrito por Simon Beaufoy e em seu corpo de atores participaram os intérpretes indianos Dev Patel, Irrfan Khan, Anil Kapoor, Madhur Mittal, Freida Pinto. O filme é classificado com drama e diante de tamanha repercussão no cenário do cinema mundial, se transformou em um dos mais premiados de sua época. Em 2009 foi indicado a 10 estatuetas das quais foi premiado com oito na cerimônia mais importante do cinema mundial, o Oscar. Venceu nas categorias melhor filme, diretor, roteiro adaptado, fotografia, mixagem de som, edição, trilha sonora original e canção original. E ainda recebeu quatro globos de ouro em 2009: melhor Filme (drama), diretor, roteiro e trilha sonora.

O filme apresenta a vida de Jamal Malik, um jovem órfão de 18 anos prestes a ganhar 20 milhões de rúpias (moeda indiana) em um programa ao vivo da televisão de Mumbai. Uma versão do game show usado no Brasil com o nome de *Show do Milhão*, exibido no Sistema Brasileiro de Televisão - SBT. O enredo é estruturado em roteiro circular composto por três grandes narrativas entrelaçadas por flash backs. A seqüência se passa no próprio programa de televisão.

Jamal é um menino pobre, com pouco aprendizado escolar. E mesmo diante de algumas limitações proporcionadas pelo contexto social vivido, ao final ele acaba ganhando 20 milhões de rúpias no programa de TV. No entanto, sua vitória é questionada de tal forma que antes da última pergunta do programa ele é preso, interrogado e torturado sob acusação de trapaça.

A primeira seqüência de cenas é justamente a apresentação de sua infância, o convívio com seu irmão Salim, morte de sua mãe, encontro com seu futuro amor

¹⁴⁷ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Rádio e Televisão pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrando em Ciências Sociais / UFRN e Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade, GRECOM.

Latika e a seqüência cronológica de sua vida no decorrer do filme. A segunda estrutura que compõe o filme é representada pelos momentos de tortura e interrogatório vividos na delegacia. E a terceira, bastante importante para nossa pesquisa, acontece a cada pergunta feita ao jovem rapaz. Para cada resposta, ele usa estratégia suas experiências do passado “tatuadas” em sua vida através dos processos de comunicação com a vida e pessoas. Para responder as perguntas do programa de televisão é retomado saberes oriundos do relacionamento bio-social, sua história no passado como chave de resposta para o presente. As mesmas perguntas feitas ao vivo na televisão tiveram que ser explicadas uma a uma no inquérito policial. Cada solução é dada por um flash back a momentos de sua vida desde a infância. Uma estratégia traçada para um conhecimento das raízes da cultura, que segundo o semiótico tcheco Ivan Bystrina, advêm do sonho, do jogo e de outras atividades como:

[...] as atividades lúdicas (também presentes entre os animais), nos desvios psicopatológicos [...] e, por fim, nas situações de êxtase e de euforia (provocadas ou não, com a ajuda de determinadas substâncias ou não, por meio de certos rituais e movimentos ou não). (BYSTRINA apud. BAITELLO JR. 1999. p. 20).

Jamal Malik conta para a polícia sua incrível história de vida na rua, as aventuras com o seu irmão e a história do seu amor perdido e real motivo de toda essa história, Latika. O objetivo principal de Jamal é achar sua amada, essa é a resposta que ele deseja da vida. Esse é o principal motivo de sua aparição pública na cidade. Ele é um assistente de uma agencia de telemarketing, fato de zombaria feita pelo apresentador que o classifica com “servido de café de um call Center de Mumbai”.

A narrativa na delegacia evidencia um dos argumentos de nossa aposta, o guarda questiona o delegado a possibilidade de Jamal realmente saber das respostas. O delegado respondeu prontamente com o seguinte texto:

– Professores, doutores, advogados, intelectuais nunca passaram de 60 mil rúpias! O que um favelado poderia saber?

As câmeras enquadram o Jovem preso a uma corda fixada no alto da sala quando Jamal retoma a consciência depois de tortura elétrica que o havia deixado

desacordado. Cospe o sangue que representa a tortura e este corre em seu peito. Ele então responde.

– Eu sabia as respostas.

A experiência de vida do personagem é a grande resposta para tal questionamento. O processo de comunicação como entendemos é por excelência a estratégia através da qual pode-se jogar, o mecanismo de resposta é, portanto, a comunicação. Na medida em que a vida exige a ele resposta, como nas perguntas do programa de televisão ou no interrogatório policial, ele acessa situações vividas no passado que servem de código para a sua história futura. As respostas vêm da astúcia, criação, inventividade e outras artimanhas de Jamal que servem de acesso a outras vivências. Como cita Baitello Jr. (1999), “O homem cria, sua criação o estimula e lhe modifica as habilidades e as capacidades, transformando-lhe a vida enfim. Isto, por sua vez, o torna mais inteligente, hábil e competente para as novas criações”.

A primeira pergunta do filme é uma passagem importante para nos relatar os indícios propostos neste texto como segue a fala do apresentador:

– Valendo mil rúpias, a primeira questão é: Quem foi a estrela do filme de grande sucesso de 1973 Zanjeer?.

Jamal logo faz a ligação de sua infância, uma cena em uma espécie de local de madeira localizado em cima de uma mata. O cubículo é o lugar aonde as pessoas pagam para usar como sanitário público. Um serviço cobrado por pelos irmãos. Jamal mais novo e já demonstrando seu descompromisso quem sabe com a ambição, passa longos minutos no sanitário. Salim bastante raivoso, com a perda de clientes acaba o trancando quando percebe um helicóptero pronto para aterrissar na cidade. Jamal ouve algum som identificando que o artista *Amitabh Bachchan*, do filme que ele tem grande admiração esta chegando e percebe que está trancado. Sua admiração era tamanha que no momento ele estava com a foto do ator no bolso. Ao ver pelas brechas do quadrado de madeira que toda a população está indo ao encontro do astro do cinema, ele percebe que a única solução é sair pelo buraco

onde passam as fezes e se deparar com elas. Olha para a foto e pula sem demora, se encobrendo do excremento público de Bumbai deixando apenas a foto do ídolo de fora. Ao passar por toda população cheio de fezes ele recebe o autógrafo e a resposta do que seria a primeira questão do programa televisivo: o nome do ator é *Amitabh Bachchan*.



(Cenas do Filme Quem quer ser um milionário?)

No jogo da vida somos reconhecidos pelo que fazemos. O apresentador do programa de TV estereotipou Jamal como “o servidor de café de um Call Center” e deste mesmo operador, o jovem buscou ser reconhecido pela aparição midiática como estratégia para reencontrar Latika. Logo, a própria regra pode servir de constante quebra dela mesma. Apenas a condição de existência, agir, exercer alguma tarefa nos conduz a isto. E assim, devemos saber que a contrafação da vida também subexistem em nós, e mais perto do que podemos perceber. No caso de Jamal, seu irmão corresponde ao seu maior inibidor. No entanto, se quem assiste notadamente percebe em Salim o vilão da história, Jamal o ama incondicionalmente. Os dois seguiram caminhos diferentes desde a infância, um percorreu a ordenação por uma condição mais ética e o outro permaneceu no sofrimento intrínseco a condição de desgraça do contexto vivido na infância.

Salim, por outro lado, vê em Jamal um caminho tomado pela esperança na vida. O que podemos aproximar do princípio ético apresentado por Morin (2005), um imperativo que se origina do interior do homem. Uma influencia originada por uma fonte externa, constituída pela cultura que surge das regras sociais, convívio, e até da organização fisiológica, genética. E mesmo diante da crise ética enfrentada por Salim, não podemos deixar de lembrar que foi através de sua redenção que Latika pode encontrar Jamal, ao libertá-la da posse de mal feitos. O bom e o mau existem em todos nós. O homem moral segue uma permuta entre o egocentrismo e a prática

altruísta constantemente. Somos um misto de barbárie e bondade, operando pela inclusão na sociedade pelo coletivo ou exclusão, garantindo nosso eu egocêntrico. E neste roteiro contraditório posto pela incerteza, a boa conduta foi o fio condutor da história.

Ainda na infância, a mãe dos meninos foi morta por uma manifestação popular armada contra os muçulmanos. Jamal presencia a cena e isto serve de resposta para a pergunta de 16 mil rúpias: “Nas representações do deus Rama, ele é famoso por segurar o quê na mão direita?”. Ao correr para não ser pego, ele e Salim encontram uma criança vestida como se fosse o deus Rama e isso ficou na cabeça dele. É justamente neste momento que ele observa Latika sozinha e chama que ele os acompanhe. O fato é que o roteiro principal da vida de Jamal é a busca pela moça, sua paixão de infância deixada para trás na fuga dos irmãos de alguns criminosos da cidade.

Jamal demonstra em todos os momentos a fuga dos enraizamentos sociais, biológicos e prima pela veneração, o sentimento, o amor por Latika. Ele a sempre joga com a sua vida, muitas vezes é das exclusões e traições que tomamos as rédeas e conseguimos alcançar o sonhado. Jamal é justamente a expressão disto. Na sociedade indiana não se toca nas mãos dos limpadores de sanitários público por consideram uma imundice. E daí podemos imaginar o grau de exclusão que poderíamos atribuir a Jamal quando ele conseguiu o autógrafo de seu ídolo. Foi, portanto, literalmente através das fezes que ele alcançou a redenção naquele momento.

E neste caminho, a primeira pergunta é a mais simples e simultaneamente a mais complexa. Conduz a uma resposta tão rápida quanto às respostas postadas no infográfico inicial do filme. “Como Jamal ganhou dos vinte milhões de rúpias: Trapaceou, teve sorte, genialidade ou estava escrito?”. Sem sobra de dúvida, não podemos responder neste instante os mecanismos pelos quais a humanidade exercida pelo ator pode operar na codificação das grandes perguntas da vida, contudo, reafirmo a proposta de apresentação deste texto: Jamal usou a comunicação e a estratégia de ordenação temporal e obteve suas experiências vividas como resposta. Por certo, Jamal agiu pela agilidade, esperteza, astúcia, pelo jogo e também pelo trapaceio, sorte e genialidade. Tudo isto faz da vida do personagem a condição necessária a tal proposta. Cada resposta para as perguntas

representam uma estratégia traçada para a vida, uma comunicação intrapessoal e com o mundo.

Sigmund Freud apresenta as regiões obscuras para os processos misteriosos do psiquismo. Sua investigação sobre as fantasias, os sonhos, os esquecimentos e a interioridade a investigação necessária à criação da Psicanálise. Os estudos de Freud representam um pouco desta forma de condução da cultura, sua produção foi sempre baseada nas experiências pessoais. A cada pergunta, Jamal estabelece uma ligação com o que reside dentro de seu próprio ser, e não poderia ser diferente. Ele dificilmente saberia das respostas se elas não estivessem no nível da consciência, pois, sua condição de miséria e exclusão não lhe permitiu um acesso mais democrático ao conhecimento. O uso constante dos *flashes* de tempo nos indica tal argumento, a saber, muitas das respostas estavam no conjunto de conteúdos presentes no campo atual da consciência, da experimentação e do jogo.

Dietmar Kamper (1998) relata um debate famoso no final do século XIX na Alemanha entre Kant, Goethe, Hegel e o poeta filósofo Friedrich Schiller a respeito das necessidades muito específicas do homem no final do século XVIII. No diálogo, Schiller refuta a ação do trabalho afirmando que a atividade lúdica, o jogo, a capacidade de dedicar-se a atividade lúdica, de jogar, brincar, são preponderantes ao homem. Portanto, não o trabalho ou o letramento necessário aos grandes médicos ou estudiosos permitiram a tais pessoas obterem as pistas para as respostas do filme, no entanto, um simples servidor de café nos presenteia com as respostas marcadas pelos saberes oriundos da vida, da informação, conhecimento e sabedoria como o enredo responsável pelo alcance do alvo objetivado. Todas as respostas vieram dele mesmo, da comunicação a partir de uma relação com os saberes, pessoas, lugar e da própria existência.

O homem apenas brinca, joga onde ele é Homem, ser humano, na acepção integral da palavra, e ele somente é pessoa na acepção integral do termo, onde ele brinca e respectivamente joga. (SCHILLER apud. KAMPER, 1998. p. 29).

Como afirma Edgar Morin (1986), nossa autodeterminação em *homo sapiens* e *homo faber* são redutoras e unidimensionais. Precisamos compreender essa fissura e retomar ao ser que raciocina por absurdo, divaga, sonha e delira. A vida de Jamal é justamente esta metáfora para entender que não devemos descartar o

demenes (o sonho, a paixão, o mito, a arte, o delírio, a loucura) e o *ludens* (o jogo, o prazer, a festa). Somos *homo sapiens demens*. Uma bipolaridade que exprime duas vidas em um mesmo homem: uma utilitária, prosaica (*sapiens*) e outra lúdica, estética, poética (*demens*).

[...] um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser híbrido que produz desordem. E como chamamos loucura a conjunção da ilusão, do descomedimento, da instabilidade, da incerteza entre o real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *Homo sapiens* como *homo demens*. (MORIN, 1979. Pág. 116,117)

REFERÊNCIAS

Filme:

Quem quer ser um milionário? é um filme britânico lançado em 2008, baseado no livro **Q and A** lançado em 2005 pelo escritor Vikas Swarup.

Livros:

BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre a comunicação, cultura e mídia.** 2º ed. São Paulo: Annablume, 1999.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida.** São Paulo: Annablume, 1998.

MORIN, Edgar. **O Método 6 – Ética.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

_____. **O enigma do Homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Para Sair do Século XX,** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986